

Emily Giffin

Autora com mais de 11 milhões de livros vendidos

"Um retrato cativante e atual sobre as complexidades da vida moderna. Este livro é Emily Giffin em sua melhor forma."

Kristin Hannah, autora de *O Rouxinol*

Tudo que a gente sempre quis



Tudo que
a gente
sempre
quis



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Emily
Giffin

Tudo que
a gente
sempre
quis



Título original: *All We Ever Wanted*

Copyright © 2018 por Emily Giffin
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Fernanda Martins

revisão: Rafaella Lemos e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Aron Balmas

capa: Elmo Rosa

imagem de capa: Stone / Sunny / Getty Images

impressão e acabamento: RR Donnelley

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G388t Giffin, Emily

Tudo que a gente sempre quis/ Emily Giffin; tradução de
Marcelo Mendes. São Paulo: Arqueiro, 2019.
304 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: All we ever wanted
ISBN 978-85-8041-944-3

1. Ficção americana. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

19-55506

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Edward e George,
com amor e orgulho.*

CAPÍTULO 1

NINA

Era uma típica noite de sábado. E por “típica” não quero dizer num estilo convencional americano. Não teve churrasco na casa dos vizinhos, cinema ou as coisas que eu fazia quando criança. Foi típica para o que nos tornamos após Kirk vender a empresa de software, quando passamos de pessoas com uma vida confortável a pessoas muito ricas. *Muito* ricas.

Ou *obscenamente* ricas, como disse certa vez minha amiga de infância Julie. Ela não se referia a nós, mas a Melanie, outra amiga, que no Dia das Mães se presenteou com um Rolex de ouro e comentou sem qualquer cerimônia num dos nossos jantares que o pratinho de artesanato dos filhos “não podia ser chamado de presente”.

“Com esse relógio ela poderia alimentar um acampamento de refugiados sírios por *um ano inteiro*”, observara Julie na cozinha, depois que todos já tinham ido embora. “Chega a ser *obsceno*.”

Na ocasião eu havia concordado sem estender muito o assunto, escondendo meu Cartier sob o balcão de mármore, enquanto tentava me convencer de todas as formas de que meu relógio e, portanto, a minha vida nada tinham em comum com os de Melanie. Para início de conversa, eu não tinha comprado o Cartier num impulso consumista: Kirk me dera como presente de quinze anos de casamento. Além disso, eu *adorava* quando nosso filho, Finch, fazia presentinhos ou cartões para mim. E agora ficava até triste por serem relíquias do passado.

Mas, acima de tudo, nunca fui de ostentar. Pelo contrário, dinheiro me constrange. Acho que por isso Julie não o usava contra mim. Até porque ela não sabia exatamente o montante de nossa riqueza, tinha apenas uma ideia, sobretudo depois de ter ido procurar um imóvel comigo. Kirk estava muito ocupado na época, então ela me ajudou a escolher a casa da Belle Meade Boulevard, para onde nos mudamos. Julie, o marido e as meninas eram hóspedes frequentes na nossa casa de veraneio, assim como na de Nantucket, e era com visível felicidade que ela herdava minhas roupas de grife com pouquíssimo uso.

Veza ou outra Julie *provocava* Kirk, mas não por ele ostentar, como Melanie, e sim por ter alguns hábitos elitistas. Pertencente à quarta geração de uma família tradicional de Nashville, meu marido cresceu num mundo de escolas particulares e *country clubs*, portanto tinha certa experiência em ser esnobe, mesmo quando seu dinheiro não era obscuro. Em outras palavras, Kirk vinha de uma “boa família” – expressão vaga que ninguém nunca chegou a definir, mas sabidamente associada a situação financeira confortável, boa educação e gostos refinados. Como na frase: ele é um *Browning*.

Meu sobrenome de solteira, Silver, não tinha tanto status, nem mesmo para os padrões de Bristol, cidade onde cresci e onde Julie ainda mora, na fronteira do Tennessee com a Virgínia. Meus pais trabalhavam muito (papai escrevia para o *Bristol Herald Courier* e mamãe era professora primária), mas não passávamos de uma típica família de classe média, e nossa ideia de luxo consistia em pedir sobremesa num restaurante que não fosse de rede. Pensando bem, talvez isso explique a atenção excessiva que mamãe dava ao dinheiro. Não que fosse deslumbrada, mas sempre sabia dizer quem tinha e quem não tinha, quem era pão-duro ou perdulário. Na realidade, sabia da vida de quase todo mundo em Bristol. Não fazia fofoca, pelo menos não por maldade, simplesmente tinha fascínio pela vida dos outros, por quanto ganhavam, como estavam de saúde, suas inclinações políticas, sua religião, e por aí vai.

A propósito, ela é metodista e papai, judeu. *Viver e deixar viver* é o mantra deles, um lema que tanto eu quanto meu irmão Max adotamos. Nós dois seguimos aquilo que cada religião tem de mais atraente, como acreditar em Papai Noel e Sêder e apelar ora para a culpa dos judeus, ora

para o rigor dos cristãos. Isso foi bom, sobretudo para Max, que saiu do armário na faculdade. Meus pais não se importaram nem um pouco; na realidade, pareciam mais incomodados com a riqueza de Kirk do que com a sexualidade do meu irmão, pelo menos no início do nosso namoro. Mamãe dizia que estava apenas triste por eu ter desistido de Teddy, meu namorado da época do ensino médio de quem ela tanto gostava, mas às vezes deixava transparecer um ligeiro complexo de inferioridade, um receio de que os Brownings olhassem com desprezo para mim e para minha família.

A bem da verdade, uma garota semijudia de Bristol com um irmão gay e sem herança talvez não fosse o sonho deles para ser mulher de seu único filho. Droga, talvez não fosse o sonho de Kirk também, mas... fazer o quê? Ele me escolheu mesmo assim. Eu sempre dizia a mim mesma que ele tinha se apaixonado pela minha personalidade, por *mim*, do mesmo modo que eu tinha me apaixonado por *ele*. Mas nos últimos anos eu vinha tendo dúvidas quanto a nós dois, quanto ao que havia nos aproximado na faculdade.

Devo confessar que, ao falar do nosso relacionamento, Kirk geralmente fazia referência à minha beleza. Ou melhor, *sempre* fazia. Então seria ingênuo pensar que minha aparência não teve nada a ver com a história, assim como eu sabia, lá no fundo, que a segurança de uma “boa família” havia pesado em minha atração por ele.

Por mais que me doesse admitir, era exatamente o que estava na minha cabeça naquela noite de sábado, quando Kirk e eu pegamos um Uber para um baile de gala no Hermitage Hotel, o quinto do ano. Tínhamos nos tornado *aquele* casal, lembro-me de ter pensado no banco traseiro do Lincoln preto. O marido e a esposa de smoking Armani e vestido Dior que mal se falavam. Algo não ia bem no nosso relacionamento. Kirk estava obcecado demais por dinheiro? Ou eu estava meio perdida, agora que Finch já era um homem e eu passava menos tempo dedicada à maternidade e mais à filantropia?

Pensei em um dos comentários recentes de papai, quando havia perguntado por que eu e minhas amigas não abríamos mão dos bailes de gala e simplesmente doávamos *todo* o dinheiro para a caridade. Mamãe também entrou na conversa, dizendo que talvez conseguíssemos

realizar “coisas mais importantes de calça jeans do que num traje de gala”. Na defensiva, respondi que também fazia esse tipo de trabalho mais direto, lembrando aos dois das horas que dedicava todo mês atendendo a chamadas no centro de valorização da vida, o serviço de prevenção ao suicídio de Nashville. Claro, não revelara que Kirk às vezes minimizava a importância desse tipo de trabalho voluntário, alegando que era mais fácil “assinar um cheque”. Na cabeça dele, doar dólares era sempre mais útil do que doar tempo; não vinha ao caso que isso chamasse mais atenção.

Kirk era um homem bom, disse a mim mesma enquanto o observava beber o uísque que tinha servido num copo descartável vermelho. Estava sendo rígida demais com meu marido. Com *nós dois*.

– Você está linda – elogiou ele de repente, olhando para mim e amolecendo ainda mais o meu coração. – Esse vestido é *sensacional*.

– Obrigada, querido.

Com um olhar sedutor, ele sussurrou para que o motorista não ouvisse:

– Não vejo a hora de te ver fora dele...

E deu mais um gole no uísque.

Apenas sorri, lembrando que fazia muito tempo que não transávamos e resistindo à tentação de pedir que ele não abusasse do álcool. Kirk não chegava a ser alcoólatra, mas eram raras as noites em que não ficava “alegrinho” com o vinho. Talvez fosse *esse* o problema, pensei. Tanto ele quanto eu precisávamos dar uma diminuída nos compromissos sociais e dedicar mais atenção ao nosso casamento, ficar mais disponíveis um para o outro. Talvez no outono, quando Finch iria para a universidade.

– Então... Pra quem você já contou? Sobre Princeton? – perguntou ele, também pensando em Finch e na carta de admissão que nosso filho havia recebido no dia anterior.

– Fora a família, só pra Julie e Melanie. E você?

– Só para os quatro do jogo de golfe de hoje – disse ele, e repetiu o nome dos companheiros de sempre. – Não queria me gabar, mas... não resisti.

A expressão em seu rosto espelhava o que eu sentia, um misto de orgulho e incredulidade. Finch era bom aluno, meses antes havia sido admitido nas universidades de Vanderbilt e Virgínia. Mas entrar em Princeton não

era para qualquer um, e seu sucesso era uma espécie de auge e de validação das muitas decisões que havíamos tomado como pais, começando com a de matriculá-lo aos 5 anos de idade na Windsor Academy, a escola particular mais rigorosa e conceituada de Nashville. Sempre havíamos priorizado a educação do nosso filho, contratando professores particulares quando necessário, levando-o a museus, proporcionando viagens para os quatro cantos do planeta. Nos últimos três verões, nós o enviamos para fazer trabalho voluntário no Equador, para um acampamento de ciclismo na França e um curso de biologia marinha nas Ilhas Galápagos. É claro que eu tinha consciência de que, financeiramente, Finch levava uma ampla vantagem sobre muitos candidatos, e isso (sobretudo a doação que tínhamos feito para os cofres da universidade) me deixava um pouco culpada. Mas eu tentava me convencer de que dinheiro não garantia a admissão de ninguém nas universidades de elite do país. Finch havia feito por merecer, e era o que me deixava tão orgulhosa.

Concentre-se nisso, eu dizia a mim mesma. Concentre-se no lado positivo.

Como Kirk voltou ao celular, peguei o meu e abri o Instagram. Polly, a namorada de Finch, tinha acabado de postar uma foto dos dois com a seguinte legenda: Somos Tigers, pessoal. Clemson e Princeton, aí vamos nós! As equipes de esporte das duas universidades tinham um tigre como mascote. Mostrei a foto para Kirk, depois li em voz alta alguns dos comentários de parabéns de filhos de amigos que estariam presentes naquela noite.

– Coitada da Polly – disse Kirk. – Esse namoro não vai durar um semestre.

Eu não sabia se ele se referia à distância entre a Carolina do Sul e Nova Jersey ou à fragilidade dos amores juvenis, mas murmurei que concordava, tentando não pensar na embalagem de camisinha que recentemente havia encontrado embaixo da cama de Finch. Que ele tivesse uma vida sexual estava longe de ser uma surpresa, mas ainda assim eu ficava triste quando pensava em como ele havia crescido e mudado. Antes ele era um tagarela, um filho único precoce que fazia questão de me relatar todos os detalhes do seu dia. Não havia nada a seu respeito que eu não soubesse, nada que ele guardasse apenas para si. Mas com a puberdade viera um distanciamento que nunca mais se foi, e ultimamente quase não nos falávamos, por mais que eu tentasse puxar conversa. Kirk insistia que era nor-

mal, uma espécie de preparação antes de deixar o ninho. *Você se preocupa demais*, dizia sempre.

Guardei o celular na bolsa, suspirei e perguntei:

– Pronto pra noite de hoje?

– Pronto pra quê? – perguntou ele, terminando o uísque ao entrarmos na Sexta Avenida.

– Nosso discurso.

Na realidade o discurso seria *dele*, mas eu estaria a seu lado, dando apoio moral.

Kirk virou-se para mim com um olhar vago.

– Discurso? Pode me refrescar a memória? Qual é mesmo o evento de hoje?

– Você está brincando, não está?

– É difícil diferenciar um do...

Suspirei e disse:

– Hoje é o Hope Gala, querido.

– Baile da Esperança. E *o que* estamos esperando exatamente? – perguntou ele com um sorrisinho.

– Conscientização e prevenção do suicídio. Vamos ser homenageados, esqueceu?

– Pelo quê? – indagou ele, começando a me irritar.

– Pelo trabalho que fizemos ao trazer psiquiatras especializados pra Nashville – respondi, embora soubéssemos que aquilo tinha muito mais a ver com a doação de cinquenta mil dólares que havíamos feito após uma caloura da Windsor ter tirado a própria vida no último verão. Uma história tão horrível que eu ainda não tinha assimilado direito, mesmo depois de tantos meses.

– Brincadeira, querida – disse Kirk, dando um tapinha carinhoso na minha perna. – Estou preparado.

Fiz que sim com a cabeça, ciente de que meu marido estava *sempre* preparado, *sempre* ligado. O homem mais autoconfiante e competente do mundo.

Em pouco tempo chegamos ao hotel. Um funcionário jovem e bonito abriu a porta do carro para mim e me deu as boas-vindas.

– Vai fazer check-in hoje à noite, senhora? – perguntou.

Respondi que estava indo apenas para a festa. Ele assentiu e me ofere-

ceu a mão, enquanto eu reunia o volume do meu vestido de renda preta e pisava na calçada. Logo adiante avistei Melanie conversando com alguns amigos e conhecidos. O grupo de sempre. Ela veio apressada em minha direção, me deu beijinhos sem encostar o rosto no meu e fez elogios.

– Você também está linda – falei. – São novos? – perguntei, levando as mãos aos brincos que ela usava, as pontas dos meus dedos tocando as duas joias de diamante em cascata.

– Ganhei faz pouco tempo, mas são antigos. Mais um pedido de desculpas do... você sabe quem.

Sorri e olhei ao redor em busca do marido dela.

– Aliás, onde está Todd?

– Na Escócia. Viagem de golfe com os amigos. Lembra? – disse ela, revirando os olhos.

– Ah, sim.

Não era fácil me lembrar de todas as extravagâncias de Todd. Ele era pior do que Kirk.

Ao ver meu marido contornando o carro para se juntar a nós, Melanie requebrou os ombros e, alto o bastante para que ele ouvisse, perguntou:

– Você vai dividir o bonitão comigo esta noite?

– Aposto que ele não vai se opor – falei, sorrindo.

Sempre galanteador, Kirk assentiu e cumprimentou-a com dois beijinhos.

– Você está *deslumbrante*.

Melanie agradeceu com um sorriso e exclamou:

– Aimeudeus! Já estou sabendo! Princeton! Que notícia *maravilhosa*! Vocês devem estar superorgulhosos!

– Estamos. Obrigado, Mel. E o Beau? Já decidiu pra onde vai? – indagou Kirk, mudando o tema da conversa para o filho de Melanie.

Ele era amigo de Finch desde os 7 anos. Aliás, era por isso que Mel e eu tínhamos ficado tão próximas.

– Parece que Kentucky.

– Bolsa integral? – perguntou Kirk.

– Cinquenta por cento – respondeu Melanie, radiante.

Beau era um aluno mediano, mas um ótimo jogador de beisebol, e tinha recebido ofertas semelhantes de diversas universidades.

– Mesmo assim é *muito* impressionante. Parabéns – disse Kirk.

Fazia anos que eu tinha a impressão de que Kirk invejava o sucesso de Beau no beisebol. Às vezes acusava Melanie e Todd de serem irritantes, de se gabarem de forma exagerada das proezas do filho. Mas agora era fácil ser condescendente. Afinal de contas, Finch tinha vencido. Princeton era muito melhor do que qualquer beisebol. Eu sabia que era assim que meu marido enxergava as coisas.

Logo que Melanie se afastou para cumprimentar outra amiga, Kirk disse que iria ao bar.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou gentilmente, um perfeito cavalheiro no início das festas.

Era no fim da noite que as coisas desandavam.

– Sim, mas vou com você – falei, determinada a aproveitar ao máximo aquele nosso momento juntos, mesmo que cercados de uma multidão. – Podemos, por favor, ir embora cedo hoje?

– Por mim tudo bem – respondeu ele, levando a mão à minha cintura para que atravessávamos juntos o reluzente saguão do hotel.



O resto da noite seguiu o roteiro esperado de uma festa beneficente, começando com coquetéis e um leilão fechado. Não havia nada que eu realmente quisesse arrematar, mas, lembrando que a renda se destinava a uma boa causa, acabei dando um lance num anel de safira. Enquanto isso, degustava uma taça de vinho branco, jogava conversa fora e pedia a Kirk que não bebesse demais.

A certa altura, o jantar foi anunciado, o bar do saguão encerrou os trabalhos e fomos conduzidos a um enorme salão de baile, onde havia mesas com lugares marcados. Kirk e eu nos acomodamos na melhor delas, na frente e no centro, junto com outros três casais que conhecíamos razoavelmente bem, além de Melanie, que me divertia com suas críticas, ora sobre a decoração (os arranjos florais eram altos demais), ora sobre o cardápio (frango, *de novo?*), ora sobre a terrível falta de sintonia nos trajes das organizadoras do evento, uma vestindo marrom e a outra, vermelho (como não haviam pensado em combinar?).

Mais tarde, enquanto o batalhão de garçons recolhia os pratos da tradi-

cional mousse de chocolate, as duas organizadoras nos apresentaram, enaltecendo nosso envolvimento contínuo com aquela e outras tantas obras sociais. Empertiguei-me o máximo que pude, um pouco nervosa quando disseram:

– *Então, sem mais delongas... Nina e Kirk Browning!*

Sob o aplauso da multidão, Kirk e eu nos levantamos e subimos de mãos dadas a escadinha que levava ao palco. Meu coração estava acelerado pela adrenalina de ser o centro das atenções. Kirk se posicionou ao microfone e eu me postei a seu lado com os ombros eretos e um sorriso estampado no rosto. Terminados os aplausos, Kirk deu início ao discurso. Primeiro agradeceu às organizadoras, seus inúmeros comitês, aos demais patrocinadores e a todos os doadores; depois, num tom mais solene, começou a falar sobre o motivo de estarmos ali naquela noite. Observando-o de perfil, pensei em como ele era bonito.

– Minha esposa, Nina, e eu temos um filho chamado Finch – disse ele.

– Finch, como os filhos de muitos dos senhores, vai se formar no ensino médio daqui a poucos meses, e no outono vai para a universidade.

Eu olhava para o mar de rostos à contraluz enquanto ele falava.

– Nesses últimos dezoito anos, nossa vida girou em torno dele. É nosso maior tesouro. – Então Kirk fez uma pausa, baixou os olhos e esperou alguns segundos antes de prosseguir: – Não consigo nem imaginar o horror que seria perder nosso filho.

Também baixei os olhos e assenti, sentindo enorme tristeza e compaixão pelas famílias desoladas pelo suicídio. Mas, à medida que Kirk começou a falar dos trabalhos da organização, meus pensamentos vergonhosamente divagaram para a *nossa* vida, para o *nosso* filho. Para as inúmeras oportunidades que esperavam por ele.

Quando voltei a prestar atenção ao discurso, Kirk falava:

– Então, para encerrar, eu gostaria de ressaltar que é uma grande honra para nós dois, Nina e eu, poder contribuir, junto com os senhores, para essa causa tão importante. Essa luta diz respeito aos *nosso*s filhos. Muito obrigado e tenham todos uma boa noite.

Enquanto as pessoas aplaudiam e alguns amigos mais próximos se levantavam para ovacioná-lo, Kirk se virou e piscou para mim. Ele sabia que tinha arrasado.

– Perfeito – sussurrei.

Só que, na realidade, as coisas estavam longe de serem perfeitas.

Porque exatamente naquele mesmo instante nosso filho estava do outro lado da cidade tomando a decisão mais equivocada da sua vida.

CAPÍTULO 2

TOM

Chame isso de intuição de pai, mas eu sabia que algo ruim estava acontecendo com Lyla antes de realmente ficar sabendo. Podia não ter nada a ver com intuição, nossa forte ligação ou o fato de eu ter criado minha filha sozinho desde que ela tinha 4 anos. Talvez a explicação estivesse simplesmente no traje sumário com que horas antes ela havia tentado sair de casa.

Eu estava limpando a cozinha quando ela passou furtivamente num vestido tão curto que mal cobria a parte inferior das nádegas, uma parte da anatomia que seus oitocentos seguidores no Instagram conheciam com intimidade, graças às inúmeras fotos de biquíni “artísticas” (segundo Lyla) que ela postava antes de eu proibir terminantemente trajes de banho em qualquer mídia social.

– Tchau, pai – disse ela, com uma indiferença já muito praticada.

– Opa, opa – falei, bloqueando a passagem na porta. – Aonde a senhorita pensa que vai?

– Pra casa da Grace. Ela acabou de encostar o carro. – Lyla apontou para a janela da sala. – Está vendo?

– Na verdade, o que estou vendo – respondi, olhando para o jipe branco do outro lado das vidraças – é que seu vestido está sem a metade de baixo.

Ela revirou os olhos e pendurou a bolsa enorme no ombro. Notei que

ela não estava de maquiagem. *Ainda*. Nunca fui de jogar, mas seria capaz de apostar cem pratas que, antes que o jipe de Grace dobrasse a esquina, os olhos dela já estariam pintados com aquela coisa preta horrorosa e os tênis desamarrados já teriam sido trocados por um par de botas.

– Pai, isso se chama moda.

– E essa *moda* aí, quem te emprestou foi a Sophie? – Sophie era a garotinha de quem às vezes ela tomava conta. – Embora eu ache que até nela esse vestido ficaria curto demais.

– Muito engraçado – disse ela sem qualquer entusiasmo, encarando-me apenas com um dos olhos, porque o outro estava coberto por uma mecha de cachos castanhos. – Você devia, sei lá, fazer *stand-up comedy*.

– Ok. Chega de conversa. Você não vai sair com esse vestido.

Tentei manter a calma e falar baixo, como havia aconselhado uma psicóloga numa palestra na escola de Lyla. *Eles param de ouvir quando começamos a gritar*, dissera ela em seu tom monocórdio. Passando os olhos pelo auditório, admirei-me ao ver que muitos pais tomavam notas. Essas pessoas realmente tinham tempo de consultar um caderno no calor do momento?

– Ah, *paai* – resmungou Lyla. – Só vou estudar com a Grace e alguns outros colegas...

– Estudar numa noite de sábado? Jura? Você acha que eu sou o quê, minha filha?

– As provas estão chegando... e a gente tem um projeto em grupo. – Ela abriu o zíper da bolsa e pegou um livro de biologia, exibindo-o como prova. – Está vendo?

– E são quantos meninos nesse grupo de estudo?

Ela tentou abafar o riso, mas não conseguiu.

– Vá trocar de roupa. Agora – falei, apontando para o quarto dela, horrorizado ao pensar na aula de biologia que um vestidinho daqueles seria capaz de proporcionar.

– Tudo bem, mas cada minuto que eu desperdiço nessa conversa é um ponto percentual a menos na minha nota.

– Não me incomode com um C e um vestido mais longo – retruquei, e retomei minha limpeza, dando o assunto por encerrado.

Eu podia sentir seu olhar de raiva e, de canto de olho, pude vê-la sair ba-

tendo o pé em direção ao quarto. Minutos depois ressurgiu com um vestido que mais parecia um saco de batatas e que só aumentou minha preocupação, pois agora não havia a menor dúvida de que ela trocava de roupa logo depois de se lambuzar de maquiagem.

– E lembre-se: em casa às onze – falei, mesmo sabendo que eu não teria como confirmar se ela estaria em casa naquele horário.

Eu era marceneiro, mas, para fazer um dinheiro extra, também dirigia para a Uber e a Lyft durante algumas noites da semana, e a de sábado geralmente era a mais lucrativa.

– Vou dormir na casa da Grace, já esqueceu?

Respondi com um suspiro. Tinha a vaga lembrança de ter lhe dado permissão, mas tinha esquecido de telefonar para a mãe de Grace e confirmar. Então me convenci de que não tinha motivos para desconfiar de Lyla. Ela tinha um pé na rebeldia, gostava de testar meus limites como qualquer adolescente. Mas, no fundo, era uma boa garota. Inteligente, estudiosa, entrou para a Windsor Academy depois de ter feito o ensino fundamental numa escola pública. A transição havia sido difícil para nós dois. Meus desafios eram logísticos (ela não podia mais pegar o ônibus escolar) e financeiros (o custo anual era superior a trinta mil dólares, mas por sorte eu podia contar com um financiamento estudantil que cobria oitenta por cento desse valor). Para Lyla, a dificuldade tinha mais a ver com o currículo escolar e uma vida social mais intensa. Resumindo, ela nunca havia convivido com tanta gente rica e, de início, teve que se esforçar para se acostumar com os luxos e privilégios dos colegas. Mas agora, quase no fim do segundo ano, já tinha alguns amigos e, de modo geral, parecia mais feliz. Sua melhor amiga era Grace, uma garota endiabrada cujo pai trabalhava para a indústria da música.

– Os pais dela vão estar em casa? – perguntei.

– Vão. Quer dizer, pelo menos a mãe. Acho que o pai está fora da cidade.

– E a Grace também tem horário pra chegar em casa? – quis saber, certo de que a resposta seria afirmativa.

Já havia estado com a mãe de Grace algumas vezes, sabia que ela tinha a cabeça no lugar, mesmo achando que talvez não fosse uma boa ideia presentear a filha de 16 anos com um jipe zero quilômetro.

– Tem. É onze e meia – disse Lyla, com um ar convencido.

– Onze e meia? Para uma aluna de segundo ano?

– Sim, pai. Esse é o horário de todo mundo, menos o meu. Ou mais tarde.

Não acreditei muito na história, mas me rendi com um suspiro, tendo aprendido a escolher minhas batalhas havia muito tempo.

– Tudo bem. Mas você tem que estar de volta na casa da Grace às onze e meia *em ponto*.

– Obrigada, pai – disse Lyla, e soprou um beijo a caminho da porta, exatamente como fazia na infância.

Agarrei o beijo dela no ar e o apertei contra o peito, a segunda parte de nosso velho hábito.

Ela não viu. Já estava grudada no celular.



Por algum motivo foi esse beijo aéreo que me veio à cabeça assim que entrei em casa por volta de uma e meia da madrugada. Peguei uma Miller Lite, servi na caneca que mantinha no congelador, depois esquentei um *tetrazzini* de frango que devia estar na geladeira havia uns dois dias. Aquele foi meu último contato com ela, nenhum telefonema ou mensagem de texto desde então. O que não era tão incomum, sobretudo nas noites em que eu trabalhava até mais tarde, só que alguma coisa estava me incomodando. Eu estava inquieto, com uma sensação estranha. Não era medo de alguma tragédia ou catástrofe, apenas aquela preocupação do tipo *ai, meu Deus, ela está transando com alguém*.

Minutos depois meu celular tocou. O número era de Lyla. Com um misto de alívio e aflição, fui logo perguntando:

– Tudo bem com você?

Houve uma pausa antes de eu ouvir a voz de outra garota.

– Hum... Sr. Volpe? Aqui é a Grace.

– Grace? Cadê a Lyla? Ela está bem? – perguntei, apavorado, subitamente imaginando minha filha no interior de uma ambulância.

– Sim, sim. Ela está aqui comigo. Na minha casa.

– Ela está machucada?

Que outro motivo poderia haver para que não fosse ela ao telefone?

– Não. Hum. Não é bem... *isso*.

– O que é então, Grace? Deixa eu falar com a minha filha. *Agora*.
– Hum. Não vai dar, Sr. Volpe... Ela não está... não está em condições de falar.

– Por que não? – perguntei, cada vez mais aflito enquanto andava de um lado para outro na nossa pequena cozinha.

– Bem, é que... – começou Grace. – Ela está meio zozna...

Parei de andar e calcei os sapatos.

– O que está acontecendo, Grace? Ela usou alguma droga?

– Não. Lyla não usa drogas, Sr. Volpe – respondeu Grace com firmeza, o que me deixou um pouco aliviado.

– Sua mãe está aí?

– Não, Sr. Volpe. Saiu, um lance beneficente. Mas não deve demorar.

Ela continuou a dar mil explicações sobre o itinerário social da mãe, mas a interrompi:

– Não enrola, Grace! Você pode me dizer o que está acontecendo?

– É que... Lyla bebeu demais... Na verdade, nem bebeu *tanto assim*. Ela só tomou um pouco de vinho, tipo, uma taça só... nessa festa que a gente foi... depois de estudar... Mas ela não comeu nada, acho que foi esse o problema.

– Ela está... consciente?

Meu coração disparou, e cogitei se não seria melhor Grace desligar e chamar o serviço de emergência.

– Está, sim, claro. Não chegou a apagar. Mas está... meio grogue, então fiquei preocupada, e achei que devia ligar pro senhor. Mas, de verdade, ela não usou drogas, nem bebeu tanto assim, pelo menos até onde eu sei... Teve um momento em que a gente se separou. Foi rápido, mas...

– Ok, estou indo *agora* pra sua casa.

Peguei minhas chaves e tentei lembrar onde exatamente Grace morava. Sabia que era em Belle Meade, onde moravam quase todos os alunos da Windsor, mas tinha deixado Lyla na casa da amiga poucas vezes.

– Manda uma mensagem com o seu endereço. Ok, Grace?

– Claro, Sr. Volpe. Vou mandar – disse ela, depois retomou o falatório desgovernado, confessando coisas, amenizando outras.

Em algum momento no trajeto até o carro, encerrei a ligação e comecei a correr.



Depois de buscar uma Lyla semiconsciente na casa de Grace, pesquisar “intoxicação alcoólica” no Google e ligar para o pediatra, concluí que minha filha não corria nenhum risco imediato. Tudo não passava de uma típica bebedeira adolescente. Portanto não havia muito o que fazer senão sentar com ela no chão do banheiro enquanto ela chorava e dizia, enrolando a língua: “Pai, descuuuuuuuuulpa...” Por vezes até me chamava de papai, o tratamento carinhoso que infelizmente ela havia abandonado já fazia alguns anos.

Claro que ela estava usando o vestido que eu lhe disse para não usar e que os olhos estavam iguais aos de um panda, contornados de preto. Não era hora para sermão, e ela não se lembraria de nada de qualquer forma. Mas fiz algumas perguntas, na esperança de que o álcool agisse como um soro da verdade. Tiraria dela o que fosse possível para na manhã seguinte conseguir interrogá-la.

A conversa foi mais ou menos como eu previa.

Algo como:

Você usou drogas? Não.

Bebeu? Sim.

Muito? Nem tanto.

Onde você estava? Numa festa.

Festa de quem? De um cara chamado Beau.

Aluno da Windsor? Sim.

O que aconteceu? Não lembro.

E isso foi tudo que consegui tirar dela. Ou ela *realmente* não lembrava de nada, ou estava apenas dizendo que não lembrava. De um jeito ou de outro, a mim só restava preencher as lacunas com a imaginação, por mais desagradável que fosse. Vez ou outra ela voltava se arrastando para o vaso e vomitava enquanto eu afastava seus cabelos desgrenhados do rosto. Quando tive certeza de que não havia mais nada em seu estômago, a fiz tomar água com dois comprimidos de Tylenol. Ajudei-a a escovar os dentes, a lavar o rosto, e depois coloquei-a na cama, ainda usando o maldito vestido.

Sentado na poltrona do quarto observando-a dormir, eu sentia o misto

de raiva, preocupação e decepção que geralmente acomete os pais quando os filhos adolescentes fazem merda. Mas havia outra coisa me incomodando. E, por mais que eu tentasse, não conseguia parar de pensar em Beatriz, a única pessoa de quem eu havia cuidado daquela maneira.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

